

A Teoria das Representações Sociais e suas Interfaces com a Formação no Ensino Superior

The Theory of Social Representations and its Interfaces with Higher Education Training

Antonio Sandro Schuartz*
Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira**

Resumo: A Teoria das Representações Sociais (TRS) tem ganhado cada vez mais espaço no âmbito da Educação como suporte teórico para as pesquisas. A partir dos estudos em representações sociais que temos realizado, bem como do resgate das memórias de conversas com estudantes da graduação durante a docência, propusemo-nos apontar algumas temáticas que devem ser descortinadas à luz das representações sociais de modo a se pensar em um processo de reelaboração das representações trazidas para o espaço acadêmico por nossos estudantes, as quais podem, por vezes, contribuir para um processo de não permanência. Assim, à luz dos estudos qualitativos de base bibliográfica, demos corpo a este artigo. Os resultados permitem afirmar que conhecer as representações sociais dos estudantes pode ser uma ferramenta poderosa para qualificar a formação acadêmica, melhorar o aproveitamento pedagógico e favorecer a permanência no Ensino Superior.

Palavras-chave: Teoria das Representações Sociais. Educação Superior. Formação Acadêmica.

Abstract: The Theory of Social Representations (TSR) has increasingly gained prominence in the field of Education as a theoretical framework for research. Based on the studies on social representations that we have conducted, as well as on the recollection of conversations with undergraduate students during our teaching practice, we set out to identify themes that should be unveiled in light of social representations, in order to reflect on a process of re-elaborating the representations brought into the academic space by our students, which may sometimes contribute to processes of non-retention. Thus, drawing on qualitative studies with a bibliographic basis, we developed this article.

* Pós Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Doutor em Serviço Social. Professor do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Paraná. E-mail: antoniosersocial@gmail.com.

** Doutora e Mestre em Educação, professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: alboni@alboni.com



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

The results indicate that understanding students' social representations can be a powerful tool for enhancing academic training, improving pedagogical outcomes, and promoting retention in Higher Education.

Keywords: Theory of Social Representations. Higher Education. Academic Training.

Recebido em: 13/05/2025. Aceito em: 09/04/2026

MOTIVAÇÕES E TRAJETÓRIAS PARA O ARTIGO

Mesmos traumas, dores pessoais e históricas, incuráveis agruras de outros, relatos extraídos de íntimo, ou, pelo contrário, expressões de interesses triunfantes, narrativas amorosas; tudo, enfim, se dinamiza por meio da comunicação verbal e assim ganha enlevo, dignifica a experiência de registros por modestas que sejam.
(Meihy; Seawright, 2020, p. 13).

Este artigo compõe o conjunto de estudos que são realizados no Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), em que se tem por objeto a Teoria das Representações Sociais (TRS). Dando continuidade aos estudos sobre a TRS, esse artigo busca apontar as contribuições da referida teoria para pesquisas no âmbito da Educação, especialmente nas graduações do Ensino Superior, sejam bacharelados ou licenciaturas.

Podemos afirmar que três fatores nos impulsionaram à elaboração deste texto. O primeiro diz respeito ao título da disciplina ofertada no Programa de Pós-graduação em Educação, no qual realizamos nosso Pós-Doutorado, qual seja: “Memória e História de Vida de Professores”. Foi como se o título nos convidasse a abrir o baú de memórias da nossa trajetória docente das duas últimas décadas, nas quais fomos acumulando uma série de encontros e diálogos com docentes, discentes, gestores, técnicos educacionais, prestadores de serviços terceirizados, enfim, com a comunidade acadêmica.¹

Das cenas que emergiram à cabeça, algumas se sobressaíram, tais como lembranças dos encontros com os discentes de diferentes cursos e fases da graduação. Conversações que se deram após uma aula, na visita deles ao nosso gabinete, no quiosque de lanches, nos corredores, nas mesas do restaurante universitário etc. Entre os temas das conversas, estavam a profissão escolhida, o estágio obrigatório, as dificuldades enfrentadas, especialmente das mulheres, para concluir a graduação, as relações com os demais docentes, o trabalho de conclusão final do curso, o término da graduação, entre outros. Em suas falas, ousamos dizer, representações sobre esses

¹ Ainda que a literatura restrinja o conceito de comunidade acadêmica a professores e seus orientandos de mestrado e doutorado e a relação de tais atores com os processos que perpassam a produção científica (Ferreira, 2017) ou, ainda, não haja consenso sobre o conceito, conforme alerta Sousa (2010), ousamos, por assim dizer, a partir dessas duas décadas de atividades docentes em um Instituição de Ensino Superior (IES), defini-la para esse artigo como o conjunto de atores que vive, convive, estabelece relações, dialoga e cria representações sobre o espaço acadêmico no qual convivem. Falamos, portanto, das relações que extrapolam a relação entre pares, mas que se dão no cotidiano entre diferentes atores ligados, direta ou indiretamente, à Instituição de Ensino Superior, quais sejam: docentes, discentes, técnicos educacionais, prestadores de serviços terceirizados, equipe de manutenção, equipe de limpeza, dono do quiosque de lanches, gestores dos mais diferentes escalões e comunidade externa em sua diversidade.

ou outros temas, que, por vezes, acreditamos, dificultaram ou mesmo retardaram o término de seus cursos por parte de alguns deles.

Diante do resgate dessas memórias e enquanto dialogamos com Moscovici e seus seguidores, motivamo-nos a refletir sobre as contribuições que a TRS pode oferecer para o levantamento das representações que nossos estudantes trazem para a graduação e como elas podem afetar diretamente o seu aproveitamento nas diferentes atividades pedagógicas que compõem o currículo do curso, bem como no aspecto relacional deles com os docentes e demais membros da comunidade acadêmica. Assim, tornar os temas elencados acima objetos de pesquisa à luz da TRS pode ser estratégico para a qualificação da formação dos discentes nos seus cursos. Aqui residiria, portanto, o segundo fator que nos impulsionou à elaboração desse artigo.

Um terceiro e último fator a nos impulsionar na elaboração do presente artigo diz respeito às contribuições que os estudos em representações podem trazer para a área educacional. Acreditamos que desvelar as representações que nossos estudantes carregam para a sala de aula, sobre os mais diferentes aspectos da vida acadêmica, os quais tendem a facilitar ou não o seu estar e viver a universidade, a sua vida acadêmica, a desenvoltura nos processos de aprendizagem, bem como os aspectos relacionais entre pares ou com os demais atores institucionais, pode servir de bússola para a qualificação dos processos de formação no Ensino Superior.

Estimulados pela busca na memória de diálogos transcorridos no decorrer dessas duas décadas de atividades acadêmicas, criamos um diário para que, à medida que insights fossem surgindo, registrássemos o tema das conversas ocorridas. Estas versavam sobre práticas identificadas entre a comunidade acadêmica e que por vezes despertavam o interesse ou mesmo a preocupação dos falantes. Nesse sentido, o diário de campo teve, portanto, um objetivo bastante claro na organização desse artigo, ou seja, serviu, como argumenta Oliveira (2014), para o registro de informações trazidas de nosso arquivo mental e as quais foram retomadas na sequência para compor a última seção desse artigo.

Certamente que nossos registros se avolumaram. Entretanto, decidimos elencar como tema/objeto de estudo em representações assuntos que julgamos serem os mais primordiais ou que, em certa medida, repetiam-se ao longo dos anos nas falas dos estudantes.

Dessa forma, com base em nossas recordações e o descortinar sobre as possibilidades dos estudos em representações sociais, ousamos, por assim dizer, elencar uma série de temáticas e/ou objetos que, acreditamos, uma vez explorados no âmbito da pesquisa, podem trazer contribuições significativas para a transformação da dinâmica acadêmica em seus diferentes aspectos. Tal empreitada se deu à luz dos princípios dos estudos qualitativos, como os defendidos por Severino (2016), Demo (2000), Gergen e Gergen (2006); Bogdan e Biklen (1984); Dezin e Lincoln (2006).

Para a fundamentação teórica, pautamo-nos na pesquisa bibliográfica objetivando explorar o material já produzido por outros pesquisadores, conforme defendem Severino (2016) e Cervo e Bervian (2007), de modo a dar suporte para o nosso estudo. Para tanto, utilizamos o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o levantamento da bibliografia utilizada. A partir dele, também acessamos outras bases de dados, tais como a Scielo Brasil e Scielo México. Contamos ainda com a colaboração de outros pesquisadores que estudam as representações sociais, os quais compartilharam diferentes materiais, como livros, capítulos de livros e artigos. Das leituras dos textos, organizamos fichamentos e retiradas de excertos para as citações e paráfrases que utilizamos para a elaboração do texto final.

Para o registro das lembranças das conversas que nos estimularam a apresentar esse artigo e suas proposições, criamos uma espécie de diário. Nele, à medida que íamos nos recordando

de temas abordados em diferentes encontros do passado, passávamos a registrá-los de modo a resgatá-los na sequência para a elaboração da quarta seção do artigo. Certamente que o nosso intuito não foi o de aprofundar nenhum dos temas nesse momento, mas apontá-los como possíveis temas geradores para pesquisas em representações sociais, tendo em vista a significância deles para um repensar sobre as graduações.

Uma vez finalizada a primeira versão do artigo, utilizamos a Inteligência Artificial (ChatGPT) para uma primeira revisão do texto final. Para tanto, elaboramos um *prompt*² para que a IA fizesse as seguintes revisões: digitação, ortografia e gramática, coesão e coerência, coerência entre títulos e conteúdo das seções, ajuste de títulos, articulação entre resumo e introdução, e o texto em sua totalidade.

Os resultados da pesquisa bibliográfica na qual nos apoiamos para tecer nossas reflexões e apontamentos foram organizados em três outras seções para além dessa introdução, na qual já apontamos o caminho metodológico. A primeira seção foi dedicada a resgatar o surgimento da TRS no espaço acadêmico. Partimos da proposição trazida por Serge Moscovici na defesa de sua tese de doutoramento: “Psicanálise: sua imagem e seu público”.

A segunda seção tem por objetivo apresentar a relação da TRS com os espaços da educação. Nesse sentido, buscamos demonstrar não só como o campo educacional tem se aberto para os estudos sobre as representações sociais, mas também apontar de que forma a teoria proposta por Moscovici pode contribuir para elucidar práticas e mudar representações existentes, ou seja, vir a contribuir para a transformação de possíveis representações cristalizadas no imaginário social.

Na terceira seção, com base nos resgates de nossas memórias, conforme citamos anteriormente, somadas às leituras que temos agregado nos últimos semestres sobre representações sociais, ousamos, por assim dizer, apontar uma série de temáticas que julgamos que possam vir a contribuir em diferentes aspectos para a superação de diferentes desafios que hoje acabam por cercar as graduações de forma geral.

Por fim, são apresentadas as considerações que encerram o artigo. Nelas fazemos um breve resgate sobre os objetivos que balizaram o estudo e a metodologia adotada, bem como apontamos os limites do trabalho e indicamos sugestões para estudos futuros. Na sequência, são apresentadas as referências que sustentaram o artigo.

A EMERGÊNCIA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CONHECIMENTO E COTIDIANO

É justamente quando se coloca em xeque o paradigma epistemológico, sua neutralidade e objetividade, que se abre espaço para que Moscovici passe a questionar a propositura epistemológica da Psicologia Social e, então, propor a TRS. Nela, não se trata de se tomar o senso comum como elemento de apoio à produção da verdade. A verdade residiria nele também, uma vez que sua teia de significados cria a realidade social. Busca-se, ao se estudar as representações sociais, estudar o conhecimento prático.

Nesse contexto, a Teoria das Representações Sociais (TRS) é um desdobramento dos estudos que vinham sendo realizados pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici. Ao tomar a

²*Prompt*. [Informática] Texto que passa uma instrução ou contexto a um programa (modelo de linguagem ou de Inteligência Artificial) esperando que uma resposta seja gerada com base na solicitação feita por meio desse texto, dessas instruções, de modo que o usuário obtenha a resposta para sua solicitação; comando. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/prompt/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

psicanálise como objeto de estudo para o seu doutoramento, no início dos anos de 1960, o qual foi denominado de “Representação Social da Psicanálise: sua imagem, seu público”, Moscovici lançou a ideia germinal de sua teoria.

A pesquisa desenvolvida por Moscovici não tinha por objetivo realizar uma avaliação sobre a psicanálise em si para classificá-la como algo bom ou ruim, como afirma Marková (2017). O pensador romeno foi capaz de perceber o burburinho que a psicanálise vinha fazendo na sociedade como um todo. Para tanto, partiu em busca de conhecer como ela (a psicanálise) vinha sendo apropriada por diferentes grupos. Não lhe interessava alimentar qualquer tipo de distinção entre um conhecimento superior (acadêmico) e um inferior (senso comum), mas demonstrar como as pessoas que habitavam o mundo fora dos muros da academia interagiam e produziam conhecimento, ou, em outras palavras, rerepresentavam o mundo.

Essa dinâmica de produção de conhecimento no cotidiano é bem ilustrada na seguinte citação de Moscovici:

Na maioria dos locais públicos de encontro, esses políticos amadores, doutores, educadores, sociólogos, astrônomos etc. podem ser encontrados expressando suas opiniões, revelando seus pontos de vista e construindo a lei. Tal estado de coisas exige certa cumplicidade, isto é, convenções linguísticas, perguntas que não podem ser feitas, tópicos que podem ou não podem ser ignorados. Esses mundos são institucionalizados nos clubes, associações e bares de hoje, como eles foram nos “salões” e academias do passado. O que eles fazem prosperar é a arte declinante da conversação. E isso que os mantém em andamento e que encoraja relações sociais que, de outro modo, definhariam. Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus praticantes. As regras dessa arte mantêm todo o complexo de ambiguidades e convenções sem o qual a vida social não poderia existir. Elas capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de ideias que são consideradas certas e mutuamente aceitas. O pensar é feito em voz alta (Moscovici, 2009, p. 51).

Com base nessa perspectiva, Moscovici queria demonstrar que, para além dos muros da academia e do saber científico, o senso comum também produz conhecimento. Este emerge à medida que as pessoas se encontram e dialogam entre si e tornam aquilo que é “estranho”, “distante”, “hermético”, ou seja, não familiar, em algo familiar. Assim:

Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos são ou nos tornam comuns. Encarada de modo passivo, ela é apreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um objeto, de um feixe de ideias que lhe são exteriores. [...] A bem dizer, devemos encará-la de modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, as situações, os atos constituídos pro (e no decurso de) miríades de interações sociais. Mas essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras, de que ele se torna solidário (Moscovici, 1978, p. 25-26).

A partir disso, argumenta Moscovici (1978) que o conhecimento produzido por meio das representações no seio do senso comum se trata de outro tipo de conhecimento, com critérios próprios, que busca responder às necessidades precisas em determinado contexto social. Trata-se de um saber que parte do saber exposto pela ciência, mas nele não finda. Ao contrário, toma-o para si, reelaborando-o e rerepresentando-o. Estabelecem, assim, uma teoria que orienta suas ações e seus comportamentos em relação ao objeto.

Seguindo essa linha de reflexão, Jodelet (2011), uma das mais conhecidas seguidoras dos passos de Moscovici, apresenta sua definição de representações sociais. Para ela, as representações sociais correspondem a um tipo de conhecimento, no caso, o conhecimento do senso comum, o qual emerge e é partilhado entre grupos. Trata-se de um conhecimento que carrega consigo particularidades, ou seja, um conhecimento elaborado socialmente e que serve como um guia para conduzir nossas ações. Em diferentes áreas do conhecimento, serve para demonstrar como os profissionais se situam em relação às suas atividades e normativas que regem os espaços de trabalho.

Dessa forma, podemos entender, portanto, que as representações sociais são elaboradas de maneira coletiva, de modo a dar um sentido para o mundo, o qual é socialmente compartilhado. Assim, elas têm origem no cotidiano da vida por meio da comunicação que estabelecemos uns com os outros. E, em tal processo, favorecem o surgimento e o estabelecimento de referências que nos ajudarão nas nossas interpretações sobre o entorno, bem como favorecerão a forma como estabeleceremos nossas relações com este ou aquele objeto (Morera; Padilha; Silva; Sapag, 2015, p. 1158).

Nesse cenário, cabe destacar a capilaridade que a TRS carrega consigo desde o seu surgimento. Ainda que possamos entendê-la como uma vertente da Psicologia Social, os estudos em representações não deixam de fazer uma interface com outras áreas, tais como a Filosofia, a História, a Sociologia e a Psicologia. Devemos, de acordo com Spink (1993), falar, portanto, de uma teoria transdisciplinar, que pode contribuir com diferentes áreas do saber.

Sob tal perspectiva, podemos afirmar que estudos sobre as representações sociais têm interface com múltiplos campos de estudo, não se fechando em seus próprios muros. Assim,

Não se trata de buscar uma síntese, mas de aceitar e trabalhar com a polifasia. Como diz Morin (1984), “o que me interessa não é uma síntese, mas um pensamento transdisciplinar, um pensamento que não se quebre nas fronteiras entre as disciplinas. O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão nesse fenômeno. Tudo o que é humano é ao mesmo tempo psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar o menos possível a complexidade do real” (Morin, 1984 *apud* Spink, 1993, p. 307).

Podemos afirmar que o excerto acima sintetiza de modo claro a dinamicidade da Teoria das Representações Sociais. Trata-se de uma teoria que reconhece que o objeto sobre o qual se debruça não se explica tão somente dentro dos limites da área que lhe serviu de berço. Reconhece a complexidade que cerca o descortinar das representações. Diante disso, não há como produzir conhecimento sobre elas sem que haja uma verdadeira interface com os demais saberes que buscam explicar a complexidade da vida em sociedade.

Por fim, buscamos apresentar na breve contextualização acima, em linhas gerais, a importância da TRS para as pesquisas que se voltam para o desvelar do conhecimento do senso comum.

Na seção seguinte, apontamos as contribuições que os estudos em representações sociais oferecem para a área da Educação. Sem intenção alguma de esgotar o debate sobre a relação Educação x TRS, propusemo-nos apontar o crescimento e as possibilidades do uso de tal perspectiva teórica na área educacional.

EDUCAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: DIÁLOGOS, AVANÇOS E CONTRIBUIÇÕES

Esta seção tem por objetivo abordar as contribuições da Teoria das Representações Sociais (TRS) para a área da Educação. Nesse sentido, buscamos demonstrar como o estudo em representações sociais tem se adensado no país. Da mesma forma, apontar que, trazer, ou mesmo desenvolver pesquisas em representações no âmbito educacional, vai muito além do que apenas descrevê-las. Significa dar à Educação lastro histórico-social e, assim, entender que para toda e qualquer representação há um contexto social, político, econômico e cultural que serve como pano de fundo.

Em relação ao avançar dos estudos em representações sociais no âmbito da Educação, a pesquisa realizada por Schuartz (2022), a qual se ateve ao levantamento dos grupos de pesquisa em representações sociais vinculados à área da Educação, confirma como a TRS tem se expandido no âmbito acadêmico e contribuído para a organização de tais coletivos. O estudo realizado constatou a existência de 226 grupos de pesquisa cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) que apresentam as representações sociais em seu título ou em alguma linha de pesquisa

Tais coletivos na área da Educação são responsáveis por 28%, ou seja, 63 do total de grupos encontrados. Estes, por sua vez, espalham-se pelas diferentes regiões do país. Em relação ao vínculo institucional, 52 grupos estavam vinculados a Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e 11 a privadas. Quanto à distribuição geográfica, tais grupos espalham-se pelas diferentes regiões do país, quais sejam: Centro-Oeste (3), Norte (5), Nordeste (22), Sudeste (23) e Sul (10).

Sobre a questão do crescimento dos estudos em representações na área da Educação, Souza e Novaes (2022) afirmam em sua pesquisa que a aproximação entre a Educação e a TRS é uma realidade constatada a partir do crescimento do número de pesquisas e grupos de estudos/pesquisas que têm se adensado na área, especialmente na pós-graduação, conforme os dados do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade-Educação, bem como o levantamento de teses e dissertações defendidas na área da Educação entre 2016 e 2019. De acordo com as autoras, mais de 30% das pesquisas que utilizaram a TRS como diretrizes para o estudo se concentram na área da Educação em detrimento de áreas como Saúde e outras.

Os dados acabam por apontar que as RS têm sido objeto de estudo em mais de duas centenas de grupos de pesquisa, sendo que quase um terço deles está vinculado à área da Educação. Destaca-se aqui o papel do Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais (CIERS-ed) no processo de articulação de tais coletivos. Nota-se ainda que as pesquisas têm se concentrado no âmbito das IES públicas, sem, contudo, deixar de se fazerem presentes também nas instituições privadas. Ainda que possamos constatar maior concentração dos grupos de pesquisas em representações sociais nas regiões Nordeste e Sudeste, tais coletivos marcam presença no Centro-Oeste, Norte e Sul do país.

Para Souza e Novaes (2022), há uma reciprocidade na relação entre TRS e Educação. De um lado, a primeira oferece à segunda a possibilidade de mergulhar na realidade educacional e assim desenvolver estudos que tenham os saberes produzidos no cotidiano como objeto de estudo de

forma contextualizada. Por outro lado, a Educação oferece às pesquisas em representações sociais um avançar para estudos que trazem elementos que vão desde o diagnóstico até a práxis e que se posicionam crítica e politicamente sobre o pensamento educacional.

Por sua vez, Crusoé (2004) argumenta que estudar as representações sociais significa colocar o saber produzido pelo senso comum no centro do debate. Fazê-lo não significa negar o saber erudito, acadêmico, mas demonstrar que para fora dos muros da academia há outra forma de se produzir conhecimento que, inclusive, deriva daquele produzido academicamente. Isso posto, estudar as representações no âmbito educacional pode contribuir para a compreensão de determinadas práticas no espaço da escola, revelando de que modo as representações circulantes refletem no agir de diferentes atores naqueles espaços.

Argumenta a pesquisadora baiana que a TRS contribui no âmbito da educação para a compreensão de determinadas práticas no âmbito escolar. As representações existentes sobre diferentes aspectos do mundo escolar, como professor, aluno, direção, avaliação, entre outros, entre os diferentes sujeitos que compõem o universo escolar, podem, sem dúvida, descortinar imagens, representações que contribuem para explicar determinadas formas para o agir naquele universo (Crusoé, 2004).

Ao analisar a relação entre a Educação e a TRS, Jodelet (2011) argumenta que o campo educacional já ultrapassou as fronteiras daquele que seria o seu objeto: a formação escolar. Ao longo dos anos, abriu-se um leque de temáticas na área que tem ampliado consideravelmente o campo de estudo, por exemplo, a educação de adultos, o trabalho, o cotidiano escolar, entre outras. Sob tal perspectiva, a pesquisadora parisiense vislumbra a convergência entre a Educação e a TRS, pois ambas se voltam para a transmissão do saber.

Entretanto, como defende Jodelet (2011), o saber não está isolado como se pairasse sobre a sociedade. Ao contrário: sua produção se dá por meio das relações estabelecidas em sociedade. Logo, olhar para os saberes que se transmitem ou se estabelecem no seio da Educação significa compreender que imagens, concepções e representações que nela emergem carregam consigo elementos da ordem política, cultural e econômica que demarcam dada sociedade, mas que não são estáticos, ou seja, transformam-se com o tempo.

Gilly (2002) converge com Jodelet (2011) no sentido de olhar para além das representações propriamente ditas. Além disso, há o alerta que Gilly faz para quem se aventura a descortiná-las no espaço educacional. Trazer a TRS como suporte teórico para os estudos no âmbito da Educação significa ultrapassar os limites da instituição da escola em si. Exige, inicialmente, conforme defende Gilly (2002), que enxerguemos as múltiplas relações que atravessam o contexto social, sejam elas de ordem política ou ideológica, e que de alguma forma se fazem refletir no espaço escolar. Significa, portanto, atentar para o lastro social que a Educação e seus desdobramentos carregam para fora e para dentro do espaço escolar.

Convergindo com tal perspectiva, Vidrio (2025) argumenta que o aumento de pesquisas na área da Educação pelo viés das representações sociais é um fato. Para a pesquisadora mexicana, ainda que possamos estudar a Educação por diferentes perspectivas teóricas, fazê-lo à luz das representações sociais é uma maneira de interpretar a realidade escolar com base em uma perspectiva teórica fundamentada no diálogo para a reconstrução e explicação dos fenômenos sociais. Além disso, estudar as representações sociais em Educação se deve ao fato de que os atores envolvidos no processo (professores, alunos, gestores, familiares) e a própria instituição escola localizam-se em um contexto sociocultural específico, o qual promove interações e reflete nos processos de ensino e aprendizagem.

Cordeiro e Yaegashi (2024), ao abordarem as contribuições da TRS para a educação, destacam que uma das características da referida teoria é a sua flexibilidade. Trata-se de uma perspectiva teórica que dialoga com múltiplos métodos de pesquisa, tais como entrevista, grupo focal, análise do discurso, entre outros. Tal característica converge com as práticas de pesquisa no território brasileiro, as quais costumam combinar dados qualitativos e quantitativos como estratégia para capturar as representações. No mesmo sentido, tal flexibilidade contribui para a participação de diferentes grupos em tais estudos.

Por sua vez, Sousa *et al.* (2023) apontam que a TRS tem sido uma perspectiva teórica em crescimento no âmbito da pesquisa acadêmica, ainda que, na opinião dos pesquisadores, tal movimento venha se dando de modo mediano. Entretanto, em relação à velocidade com que a TRS vem se fazendo presente, é notável que ela tem abarcado cada vez mais áreas do saber, como a Administração, a Geografia, a Química, a Enfermagem, a Medicina, a Pedagogia e o Direito. Essa heterogeneidade de áreas aponta para a capilaridade e a transdisciplinaridade que têm movimentado as pesquisas no âmbito acadêmico.

Conforme intencionávamos, dedicamos a seção a apontar para o leitor os avanços das pesquisas na área da Educação que têm se dedicado a fazê-las a partir da TRS. No mesmo sentido, intencionamos apontar como os estudos em representações tendem a tecer um diálogo profícuo com a Educação e nas mais diferentes áreas do saber. A seguir, listamos alguns temas que, a nosso ver, podem tornar-se objetos de estudo em representações no âmbito das graduações, dada a importância que lhe imputamos no que diz respeito à permanência do vínculo de nossos estudantes com seus cursos.

TEMÁTICAS RELEVANTES PARA PESQUISAS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO SUPERIOR

As primeiras seções foram dedicadas à apresentação da TRS e às contribuições dela para a área da Educação, respectivamente. A seguir, apresentamos um rol de temáticas que em nosso entender deve ser explorado em pesquisas cujos temas são sensíveis no que tange à formação no âmbito das graduações. Certamente que teríamos um rol bem maior de sugestões e argumentações, entretanto, optamos por elencar aquele que julgamos ter maior relevância no contexto atual.

Considerando-se que é por meio das interações dialógicas que estabelecemos nos mais diferentes espaços que damos forma às representações, entendemos que o espaço acadêmico por onde nossos estudantes circulam e se encontram em diferentes locais – como biblioteca, restaurante universitário, viagens de estudos, projetos de extensão, projetos de pesquisa, centros acadêmicos, cantinas, bares, cafés, reprografia, entre tantos outros, sem falar nos demais possíveis lugares de interação fora do circuito da academia – transforma-se em uma multiplicidade de lugares que propiciam trocas e (re)apresentações do mundo.

A título ilustrativo, é possível mencionar situações recorrentes no cotidiano universitário nas quais as representações sociais se manifestam de maneira explícita. Em rodas informais de conversa entre estudantes ingressantes, por exemplo, não é incomum que a universidade seja representada como um espaço excessivamente burocrático, distante e pouco acolhedor, percepção frequentemente construída a partir de relatos de colegas mais antigos ou de experiências iniciais marcadas por dificuldades administrativas e comunicacionais. Tais representações, ao circularem e se cristalizarem nos grupos, tendem a influenciar diretamente o modo como os estudantes se

vinculam à instituição, impactando suas expectativas, sua participação nas atividades acadêmicas e, em alguns casos, sua decisão de permanência no curso.

Obviamente que tais interações produzem inúmeras representações sobre o mundo acadêmico, sua dinâmica e seus atores. Sem pretensão alguma de esgotarmos qualquer debate sobre o mundo acadêmico como fonte para a produção de representações, propomo-nos aqui a apontar alguns temas que, a nosso ver, são nevrálgicos, pois dependendo das representações que circulam entre os nossos estudantes, podem se tornar um obstáculo para a permanência deles em seus cursos, quais sejam:

Acolhimento Institucional. Berrino *et al.* (2010), a partir de suas atividades ligadas à Orientação Educacional da Faculdade de Engenharia da Universidade do Centro de Buenos Aires (UNCPBA), apontam a importância da Teoria das Representações Sociais para a Educação, especialmente no que diz respeito às ações de acolhimento e orientação educacional aos alunos de primeiro ano, ou seja, jovens que se inserem no mundo universitário.

De acordo com as pesquisadoras portenhas, os jovens, quando chegam à universidade, trazem consigo uma série de imagens e de ideias sobre a profissão, o mundo do trabalho, seus projetos de vida e o próprio ambiente universitário. Nesse contexto, o estudo sobre as representações sociais trazidas pelos estudantes possibilita descortinar o que carregam como acadêmicos e futuros profissionais. Poderíamos acrescentar, ainda, que pesquisas sobre o acolhimento institucional teriam muito a dizer e a apontar sobre o aproveitamento escolar, a evasão e outros assuntos. Afinal, nossos estudantes têm se sentido acolhidos em nossas Instituições de Ensino Superior (IES) e respectivos cursos?

Estágio. O estágio se constitui em instrumento fundamental na formação da análise crítica e da capacidade interventiva, propositiva e investigativa do estudante, que precisa apreender os elementos concretos que constituem a realidade social capitalista e suas contradições, de modo a intervir, posteriormente como profissional, nas diferentes expressões da questão social que vêm se agravando diante do movimento mais recente de colapso mundial da economia em sua fase financeira e de desregulamentação do trabalho e dos direitos sociais (ABEPSS, 2005, p. 11).

Ao longo dos anos, temos observado que os calouros que chegam ao curso trazem consigo uma expectativa em relação ao estágio, desejando, por vezes, iniciá-lo nos primeiros semestres do curso, ansiedade que se adensa às vésperas de seu início. Entretanto, já observamos que ao final dele alguns estudantes mostram-se decepcionados em relação ao processo. Estudar as representações sobre tal processo pedagógico pode trazer informações quanto ao significado do estágio para os estudantes, as relações estabelecidas com supervisores e orientadores; a (co)relação entre teoria e prática no mundo do trabalho; entre outras. Pesquisas que se voltassem aos estudos sobre as representações existentes pré e pós-estágio podem contribuir significativamente para a qualificação dele como processo pedagógico.

Profissão. Representar é tornar “o não familiar em familiar” (Moscovici, 1978). Não é incomum, portanto, que calouros cheguem às salas de aulas trazendo consigo uma série de representações sobre a profissão que escolheram. Diríamos que nem certas nem erradas; apenas formadas no intercruzamento de diálogos externos à academia. Debruçar-nos em pesquisas que apontem as representações existentes sobre a profissão que os calouros escolheram, identificando suas expectativas e anseios sobre a área escolhida, pode ser uma saída para a criação de estratégias que evitem a desistência pela falta de vínculo com a profissão escolhida, conforme aponta a matéria da USP (2023).

Trabalho de Conclusão de Curso. Outra questão que por vezes causa certa ansiedade no âmbito das graduações, tanto quanto o estágio, diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso. Ainda que tal trabalho esteja previsto para os últimos semestres do curso, gera agitação desde os primeiros semestres, levando, por vezes, estudantes a postergarem sua elaboração. Acreditamos que se nos debruçarmos sobre as representações que circundam tal tarefa acadêmica para futuros formandos, bem como entre evadidos dos cursos, podemos obter dados que possibilitem melhor gestão da disciplina no curso, um processo reflexivo entre orientadores e suas orientações, a criação de formatos de TCCs mais interessantes para os estudantes, entre outras possibilidades.

Tecnologia. Outra questão bastante atual e com a qual os estudos em representações sociais tendem a contribuir de forma significativa nos espaços educacionais diz respeito à presença e ao uso das tecnologias virtuais para os processos de ensino e aprendizagem. Essa possibilidade foi abordada no estudo realizado por Silva, Constantine e Premaor (2011). A pesquisa possibilitou levantar as representações existentes sobre a relação que adolescentes e docentes têm com as tecnologias virtuais. Trata-se de um tema atual e com o qual a Educação, em seus diferentes níveis, viu-se obrigada a tomar para si, especialmente a partir do período pandêmico. Um tema em contínua evolução e refinamento e o qual tem refletido diretamente nos espaços educacionais

Apropriação conceitual. Lacolla (2005), ao discutir a questão da relação do ensino de Ciências e representações, defende que o estudo das representações sociais no âmbito educacional pode contribuir para o avanço na apropriação de conceitos científicos. Para ela, nossos estudantes chegam às salas de aula trazendo uma série de representações que podem facilitar, ou, muitas vezes, dificultar a apropriação da linguagem científica. Queiramos ou não, todas as concepções têm reflexos no processo de aprendizagem. Logo, termos a noção dos mecanismos que formam as representações pode ser de grande ajuda para melhorar os processos de ensino.

Docência e representações. Foi o tema desenvolvido pelos pesquisadores mexicanos Vargas, Romero e Ferrer (2019). Para eles, a docência, seja ela em qualquer nível de ensino, é uma atividade complexa, marcada por aspectos sociais, subjetivos e multidimensionais. Nesse sentido, entendem que estudos, a partir da TRS que abordem a questão do ensinar, permitem compreender de que forma aspectos cognitivos, sociais e afetivos acabam por confluir no exercício do ensino. Diríamos mais: estudos articulados a partir do binômio representações x docência podem tanto apontar para um compromisso profissional como também para processos de adoecimento e desencanto profissional e seus reflexos na docência.

Ensino e Aprendizagem. Castorina (2017) chama a atenção para o fato de que as pesquisas em representações no âmbito da Educação têm dado maior ênfase às crenças que cercam os professores, os estudantes, a avaliação ou a própria instituição escola e muito pouco se tem estudado sobre uma questão tão importante quanto as áreas do processo de ensino-aprendizagem. Tal binômio deveria ser contemplado trazendo à luz como as representações dos estudantes se entrecruzam com os saberes circulantes em sala de aula. No mesmo sentido, busca-se abarcar as representações de professor sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Infrequência escolar. Um fenômeno que tem se adensado no contexto escolar é o da infrequência, o qual foi objeto de estudo para Foresti *et al.* (2023). Para os autores, trata-se de um fenômeno que, apesar de toda uma legislação para contê-la, tem crescido e se feito constante nos espaços educacionais. Nesse cenário, os autores defendem que estudar as representações sociais que os estudantes carregam consigo sobre a escola e, em nosso caso, a universidade e respectiva trajetória, pode dizer muito sobre a relação que eles estabelecem com aquele cotidiano, bem como sinalizar as causas que os levam ao processo de infrequência, quando não o de desistência.

Acrescentaríamos ainda outra possibilidade: apontar caminhos para coordenadores, pró-reitores e professores enfrentarem tal questão.

Práticas Pedagógicas. Pesquisar sobre as práticas pedagógicas que são exercidas pelos docentes não significa ir apenas ao encontro das representações que as sustentam, mas identificar a congruência entre o universo de saberes que constitui um professor e aquilo que o leva para o ato de ensinar. Flores (2021), ao se voltar para o estudo sobre as práticas pedagógicas em Educação Ambiental, aponta para a importância desse tipo de levantamento, ou seja, identificar em que medida as representações sobre a profissão estão presentes no ato de ensinar.

Sala de aula. Não é incomum ouvirmos em rodas de docentes falas comentando a falta de adesão dos estudantes às leituras ou a outras atividades pedagógicas. Entretanto, mais incomum é ouvirmos, na mesma roda, indagações sobre o que os estudantes esperavam encontrar no dia a dia, afinal, a sala de aula, e leia-se aqui, especificamente, a aula, está interessante? Levantar as representações de nossos estudantes acerca do que esperavam encontrar e o que temos ofertado pode mostrar a existência, ou não, de um *gap* entre o perfil acelerado de nossos jovens e o que encontram ao adentrarem a sala de aula. Certamente que a complexidade que envolve a aula em si tem se acentuado, conforme afirmam Viana e Silva (2017), mas não nos indagarmos sobre o que pensam nossos estudantes pode contribuir para um esvaziamento das salas.

Migrantes, refugiados, apátridas. O número de migrantes, refugiados e apátridas acolhidos no Brasil tem sido significativo nos últimos anos. Entretanto, o acesso deles aos espaços de ensino tem se efetuado moderadamente e, quando ocorre, não acontece sem marcas. Acreditamos que estudar as representações de quem chega a uma cultura e a um sistema de ensino diferentes pode nos ensinar muito sobre os processos de acolhida. Na contramão, estudar as representações de quem pode acolher os grupos de estudantes de diferentes cursos pode auxiliar na criação de ações que contribuam para que o “encontro” de ambos seja produtivo no sentido de evitar todo e qualquer tipo de violência simbólica, ou como destacam Redin e Bertoldo (2021), evitar uma universidade reprodutora da exclusão do “outro” (Douzinas, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo foi tecido a partir do resgate de nossas memórias em relação a diálogos, observações e escutas que foram estabelecidos em diferentes momentos de nossas atividades como docente e vice-coordenador de um curso de graduação de Serviço Social. Ao final de tais encontros, por vezes deixávamos os interlocutores ansiosos ou angustiados com o tema da conversa, carregando conosco a pergunta: “Mas, afinal, que representação carregam consigo sobre...?”.

Esse resgate não se deu sem que alguns fatores nos estimulassem: os estudos que realizamos sobre a Teoria das Representações Sociais no Programa de Pós-Doutoramento em Educação; o título da disciplina “História e Memória de Professores”; as observações do desconforto dos estudantes em relação a diferentes temas que cercam a graduação; e, por fim, a nossa intenção de apontar a possibilidade de descortinarmos tais “incômodos” à luz da Teoria das Representações Sociais, acreditando que seus resultados podem contribuir para a qualificação do processo de formação dos estudantes no âmbito das graduações.

Conforme exposto no decorrer do artigo, a relação da TRS com a Educação tem crescido no país. Ampliam-se as pesquisas acadêmicas na área, bem como os grupos de pesquisa que têm em tal perspectiva teórica a base para seus estudos. No mesmo sentido, foi possível constatar que,

ainda que de forma desigual, tais coletivos têm se distribuído pelas diferentes regiões do país, bem como avançado para outras áreas, como a Geografia e a História, entre outras.

Acreditamos que os resultados apontam para a Educação como um campo próspero para a Teoria das Representações Sociais. Conforme sinalizamos, a gama de temas a serem desenvolvidos ultrapassa de longe o binômio ensino-aprendizagem no contexto do Ensino Superior. Assim, a profissão escolhida, o trabalho de conclusão de curso, o estágio, as relações entre os diferentes cursos, entre outros, podem vir a ocupar a agenda de pesquisas em representações sociais no âmbito das graduações.

Da mesma forma, intentamos sinalizar que o estudo em representações exige muito mais do que sua descrição. Exige que o pesquisador dê um lastro histórico-social a elas. Ainda que as representações se formem a partir dos encontros, diálogos e conversas cotidianas entre e inter-grupos, as representações que se formam carregam consigo reflexos do contexto social, cultural, político e econômico no qual vivem e convivem seus agentes. Em síntese, toda e qualquer representação tem raízes e elementos que influenciam o comportamento e as práticas.

Sob tal prisma, e nos perguntando sobre quais representações nossos estudantes carregam sobre determinados aspectos da vida acadêmica, intencionamos apontar assim temas que julgamos que, por vezes, têm gerado desconforto entre os discentes e que em certa medida podem afetar a permanência do estudante na graduação. Apropriarmos-nos de tais representações, como docentes e gestores, significa nos apropriar de elementos que podem compor estratégias não só para a permanência do estudante, mas para a qualificação das diferentes etapas pedagógicas que compõem a formação no âmbito das graduações.

E, por fim, tomando as representações não como algo cristalizado, mas passível de transformação, descortiná-las significa dar um salto qualitativo em relação a uma política voltada para a permanência e a finalização das graduações por nossos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Política Nacional de Estágio**. Disponível em: https://media.webfans.com.br/abepss/uploads/2016/03/documento_201603311145368198230.pdf. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BERRINO, M. I.; NOLASCO, M. R.; MODARELLI, M. R.; BOUCIQUEZ, M. B.; IRASSAR, L. E.; SUÁREZ, M. de las M. La importancia de las representaciones en la construcción de proyectos de futuro. **Revista Latinoamericana de Estudios Educativos**, México, v. XL, n. 1, p. 111-130, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27018883006>. Acesso em: 9 jun. 2021.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução: Maria João Alves, Sara Bahia do Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto, 1984.
- CASTORINA, J. A. Las representaciones sociales y los procesos de enseñanza-aprendizaje de conocimientos sociales. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 44, p. 1-13, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752017000100001&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 20 mar. 2025.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORDEIRO, S. M. N.; YAEGASHI, S. F. R. A teoria das representações sociais: contribuições para a pesquisa educacional. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, e8281, 2024. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/828>. Acesso em: 19 mar. 2025.

CRUSOÉ, N. M. de C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender – Cad. de Filosofia e Psic. da Educação**, Vitória da Conquista, ano II, n. 2, p. 105-114, 2004. Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121. Acesso em: 23 abr. 2025.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Metz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DOUZINAS, C. **O fim dos direitos humanos**. Tradução: Luiza Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

FERREIRA, L. S. Comunidade acadêmica: a orientação como interlocução e como trabalho pedagógico. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 39, n. 1, p. 103-111, jan./mar. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-ComunidadeAcademica-5827653.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FLORES, R. C. Representaciones sociales y prácticas pedagógicas en educación ambiental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e234768, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/W4bJRjgtDGkwPGVYyc3wZdn/>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FORESTI, R.; KUJAWA, I.; PATIAS, N. D.; GUARESCHI, P. A. Representação social da escola: relato de um estudo de caso instrumental. **Psicol. estud.**, v. 28, e46260, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/G5wZTxKRkN39cmQPjBdf8kv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2025.

GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In: DENZIN, Norman K. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Metz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 367-388.

GILLY, M. R.; SERLEI, M. F. e S.; MACLÓVIA C. da. As representações sociais no campo educativo. **Educar em Revista**, n. 19 p. 231-252, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.257>. Acesso em: 3 abr. 2025.

JODELET, D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Rev. Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 19-26, 2011. Disponível em: http://www.euophd.net/sites/euophd/files/images/onda_2/07/25th_lab/scientific_materials/camargo/full_temas_em_psicologia_v19_n1.pdf. Acesso em: 3 abr. 2025.

JODELET, D. Aportes del enfoque de las representaciones sociales al campo de la educación: espacios en blanco. **Revista de Educación**, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, v. 21, p. 133-154, jun. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3845/384539803006.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2025.

LACOLLA, L. Representaciones sociales: una manera de entender las ideas de nuestros alumnos. **Revista ieRed: Revista Electrónica de la Red de Investigación Educativa**, v. 1, n. 3, jul./dec. 2005). Disponível em: <http://revista.iered.org>. Acesso em: 20 mar. 2025.

MARKOVÁ, I. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 163, p. 358-375, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/3VdRjVMytzZqPRjWPkPNKTG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2024.

MEIHY, J. C. S.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MORERA, J. A. C.; PADILHA, M. I.; DA SILVA, D. G. V.; SAPAG, J. Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/JHgShKjBcxLwfCGrkpjL5j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2024.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, R. de C. M. (Entre)linhas de uma pesquisa: o diário de campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (auto)biográfica. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 4, p. 69-87, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/issue/view/RBEJA%2C%20vol.2%2C%20n%C2%BA4>. Acesso em: 25 mar. 2025.

REDIN, G.; BERTOLDO, J. Narrativas da exclusão de migrantes e refugiados na universidade. **Rev. Ser Social. Crise, fluxos migratórios e políticas sociais**. Brasília, v. 23, n. 49, p. 296-317, jul./dez. 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/issue/view/2262. Acesso em: 23 abr. 2025.

SCHUARTZ, A. S. Grupos de pesquisa em representações sociais vinculados à área da Educação. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 17 n. 46, p. 31-52, 2022. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/a/article/view/2843/2404>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, A. M. T. B. da; CONSTANTINO, G. D.; PREMAOR, V. B. A contribuição da teoria das representações sociais para análise de um fórum de discussão virtual. **Temas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 233-242, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100018. Acesso em: 22 mar. 2025.

SOUSA, C. P de.; NOVAES, A. Intercambios entre la educación y la teoría de las representaciones sociales em Brasil. **Psic. da Ed.**, São Paulo, v. 55, p. 119-128, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-35202022000200119&lng=pt&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOUSA, R. O.; URBANO, E. D. A. da S.; OLIVEIRA, F. R. de; FERREIRA, A. D. Contribuições da Teoria da Representação Social para análise do Ensino Superior no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8., 2023, João Pessoa. **Anais [...]** João Pessoa, 2023. p. 1-12. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/89667>. Acesso em: 19 mar. 2025.

SOUSA, S. F. A “comunidade acadêmica” como um conceito errático **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, v. XX, p. 149-16, 2010. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8792.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SPINK, M. J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, set. 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/3V55mtPK8KXtksmhbkctkj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 abr. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Escolha precoce de carreira acarreta desistências no Ensino Superior. **Jornal USP**. 27 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/escolha-precoce-de-carreira-acarreta-em-desistencias-no-ensino-superior/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

VARGAS, C. S. P.; ROMERO, J. C. M.; FERRER, A. E. E. La docencia como objeto de representación: un acercamiento desde la teoría de las representaciones sociales. **Revista Cultura y Representaciones Sociales**, año 14, n. 27, p. 220-256, sep. 2019. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-81102019000200004. Acesso em: 22 mar. 2025.

VIANA, C. M. Q. Q.; SILVA, E. F. da S. A aula na Educação Superior: desafios e perspectivas na atualidade. **Revista de Administração Educacional**, Recife, v. 1, n. 1, p. 67-80, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ADED/article/view/23121/18844>. Acesso em: 23 abr. 2025.

VIDRIO, S. G. Prólogo. In: NOVAES, Adelina; ENS, Romilda Teodora; DONATO, Sueli Pereira (org.). **Representações Sociais e Educação. Estudos sobre a Profissionalização Docente**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2025. p. 7-11 Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc-livros/representacoes-sociais-e-educacao/>. Acesso em: 24 mar. 2025.